

Pais viram detetives virtuais

Para os filhos que acreditavam que seus pais nem ao menos lidassem bem com a tecnologia, uma notícia importante: e les não apenas aprenderam a manusear novos recursos como também já começam a se preocupar em "investigar" as ações das crianças e adolescentes online. Para se ter uma ideia, 66% dos pais brasileiros admitiram em uma pesquisa ter lido e-mails ou usado cookies para controlar os filhos. Hoje, sete em cada 10 pais conversam com os filhos sobre segurança online, registrando um aumento de 20% em relação a 2008. A mesma média aparece entre os jovens que têm regras de utilização para internet.

Os números fazem parte da segunda edição do relatório Norton Online Living Report, elaborado pela Symantec, empresa de soluções de segurança. A pesquisa foi realizada com 9 mil internautas de 12 países — entre eles, o Brasil — com o objetivo de traçar o perfil do atual usuário brasileiro da internet e seu comportamento na rede. E a conclusão é de que o País é destaque em muitos dos casos, como o tempo de navegação das crianças brasileiras uma média de 70 horas por mês. O número de pais que fiscalizam os filhos na internet (e os repreendem, se necessário) também cresceu, representando um aumento de 48% na edição 2009 do relatório.

Um exemplo de quem controla os conteúdos acessados em sua casa é a professora Ruth Kreniski. Mãe de Victor, 12 anos, e Lucas, 9, ela se preocupa com a segurança deles na internet, sobretudo com a do filho mais velho, que gosta de bater papo em programas como o Messenger. "Eu converso muito com ele, procuro casos de maus procedimentos na internet e o informo", relata. "Falo para ele tomar cuidado, não dizer onde mora, porque depois alguém pode ameaçá-lo ou persegui-lo", diz, revelando olhar o histórico de sites acessados para controlar os conteúdos que Victor busca online. Na casa de Ruth, ela, o marido e os filhos têm a senha de e-mail uns dos outros.

Letícia de Lourdes Telles, também professora, controla a navegação dos filhos na internet e já se considera parte do universo online, pois conversa no MSN e até aprendeu as gírias do "internetiquês". Mesmo assim, não deixa de fiscalizar o que a filha Larissa, 17 anos, acessa. "Eu olho no histórico os sites que ela entra. Se eu vejo alguma coisa diferente, eu pergunto o que é. Mas ela deixa o computador ligado, com o MSN aberto às vezes, e eu leio as conversas. Ela sabe que, se está aberto, é porque eu posso ler", argumenta. "Ela tem a minha senha do MSN, e eu tenho a dela. Ela sabe que eu fiscalizo".

Letícia abriu um perfil na rede social para se aproximar mais da vida da adolescente, que tem um computador em seu quarto. "No Orkut, eu vejo os recados, procuro saber o que estão falando para ela e o que ela está respondendo". Assim, as fotos que Larissa publica na internet também precisam passar pelo crivo da mãe. "Outro dia ela publicou uma foto linda dela de costas de biquíni, mas falei para ela: 'Nesse site não'", conta a mãe, que defende que esses cuidados fazem parte do papel dos pais na educação dos filhos. A menina não reclama da postura da mãe. "Ela não me priva de conversar com meus amigos, só mostra que se preocupa comigo", avalia Larissa.

CUIDADOS EXTREMOS

"A adolescência é um período muito difícil de se lidar. Os pais querem se aproximar dos filhos, e os filhos estão se afastando da família", expõe Daniela Romão-Dias, professora de novas tecnologias da PUC-Rio e doutora em psicologia. Segundo ela, é importante saber administrar os conflitos em casa, e que a fiscalização excessiva pode acabar por agravá-los. "De modo geral, fuxicar o computador ou o celular do filho é como mexer na gaveta dele procurando maconha. É claro que é invasivo", argumenta, explicando que o controle deve ser deixado para casos de extrema necessidade. "É sempre melhor tentar conversar, mostrar interesse na vida do filho".

Para os pais que querem monitorar a atividade virtual dos filhos, há vários antivírus que oferecem pacotes de controle parental. Assim, os usuários podem, com uma senha, bloquear páginas e programas do computador. Porém, para o gerente de vendas para área de varejo da

Symantec do Brasil, Fabiano Tricário, os pais ainda não sabem ao certo como fiscalizar. "O filho conecta na casa de amigos, os pais não têm como ter controle. Mas estão mais ativos porque investigam", explica.

RECORDE

Apesar das "investigações" dos pais, nem todas as ações das crianças são detectadas. O relatório da Symantec revelou que elas ficam duas vezes mais tempo na internet do que eles pensam. Em 2008, um em cada cinco filhos admitiram ter comportamentos na rede que os pais não aprovariam. Apesar de as crianças brasileiras passarem aproximadamente 70 horas por mês conectadas, seus pais acreditam que elas fiquem online por apenas 56. Elas já registram recorde mundial de tempo em sites de relacionamento: 13 horas por semana. Para fiscalizar esse uso, quase 1 em cada 3 pais usam controle parental, mas revelam dificuldade em criar regras para o uso da internet por não a terem tido quando novos.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 18 nov. 2009, Seudinheiro, p. B-8.